

RESUMO - LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - LINGUÍSTICA

**CADEIRADA E DISCURSO DE ÓDIO: MECANISMOS HEGEMÔNICOS DO DISCURSO PARA ELEIÇÃO DA PREFEITURA DE SÃO PAULO EM 2024**

*Caleb Machado (calebmachado03@gmail.com)*

Este trabalho realiza uma análise crítica do discurso referente ao episódio conhecido como

"cadeirada" do Datena e as falas subsequentes ao ocorrido durante o debate eleitoral para a

prefeitura de São Paulo em 2024, na TV Cultura. O evento, marcado pela agressão física do

candidato José Luiz Datena contra Pablo Marçal, serve como parâmetro para examinar não apenas a

violência explícita, mas também as estratégias discursivas de outros candidatos, como Ricardo

Nunes e Guilherme Boulos. A investigação se debruça nas falas que antecedem e sucedem a

transmutação da violência verbal para física, destacando como tais discursos perpetuam narrativas

hegemônicas e reforçam dinâmicas de poder. A análise enfoca as estratégias discursivas utilizadas

pelos candidatos a fim de manter e legitimar narrativas hegemônicas. Dessa forma, pretende-se

identificar os mecanismos de deslegitimação do adversário por meio do uso de estigmas simbólicos

e fabulações ideológicas, e, também discutir o discurso de ódio como ação condicionada,

dependente de corroboração institucional para sua existência.

Para isso, pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na Análise Crítica do Discurso

(ACD), com suporte teórico em Norman Fairclough (2001) e Louis Althusser (1985) para examinar

a ideologia e os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Judith Butler (2021) é utilizada para

compreender o discurso de ódio como ação condicionada, enquanto Bronisław Baczko (1985)

fornece subsídios para analisar a disputa por legitimidade narrativa. O corpus é composto por

transcrições das falas do debate, com foco em trechos que exemplifiquem violência verbal,

estigmatização e estratégias de deslegitimação.

Os resultados, revelam que os candidatos empregam discursos que ultrapassam a mera troca de

ideias, atuando como instrumentos de manutenção hegemônica. Ricardo Nunes, por exemplo,

utiliza afirmações como “contra a liberação de drogas, a favor da vida e contra o aborto” não apenas

para se posicionar, mas para interpelar ideologicamente o eleitor, alinhando-se a valores

preestabelecidos. Esse processo é exemplar da interpelação ideológica descrita por Althusser, onde

o sujeito é convocado a aderir a certas crenças. Além disso, identifica-se por meio de estigmas

simbólicos, como expressões pejorativas ("invasor", "consórcio comunista"), que buscam associar

adversários a identidades sociais negativas. Essa estratégia, baseada em Baczko (1985), visa

controlar a narrativa política pela fusão entre verdade e normatividade, onde a repetição de termos

estigmatizantes gera uma mácula residual no imaginário coletivo. Além disso, o discurso de ódio é

tratado como ação condicionada, conforme Butler (2021): sua existência depende de

reconhecimento institucional (como decisões judiciais) para ser legitimado. No debate, as violências

verbais são naturalizadas, enquanto a agressão física ("cadeirada") torna-se o limite simbólico que

converte a violência discursiva em consenso sobre sua gravidade.

O estudo demonstra que o debate político transcende a disputa ideológica tradicional, operando

como um campo de batalha narrativa onde discursos hegemônicos são perpetuados por meio de

estratégias de interpelação, estigmatização e deslegitimação. A violência física, como a "cadeirada",

é apenas a manifestação extrema de uma dinâmica presente no plano discursivo. As implicações

dessas práticas são profundamente danosas, pois corroem o debate democrático e reforçam

polarizações. Recomenda-se maior atenção à análise discursiva em contextos eleitorais, além de

mecanismos de contabilização para conter a escalada de violência simbólica e física.

Palavras-chave: análise crítica do discurso; hegemonia; deslegitimação; discurso de ódio; debate político.